

TRABALHADOR LÊ?

Fazer jornais no meio operário é uma tradição que vem de muito e se espalha por muitos países, difundindo a palavra impressa no jornal, no panfleto, no manifesto, no cartaz. Pouco a pouco, o mosaico das pesquisas vai compondo um largo inventário dessas publicações, dando a conhecer seus conteúdos, seus temas, os grupos editores e suas leituras na época, as influências políticas e

as tendências filosófico-literárias que informaram suas práticas sócio-culturais. Quanto aos editores e articulistas, passamos a conhecer também alguns que desejam firmar-se enquanto “intelectuais-operários e ideólogos”. Mas, como se apropriaram e recriaram os conteúdos de suas leituras?

Como se fizeram leitores?

Além da baixa escolaridade ou da persistência do analfabetismo dificultando a difusão da imprensa dos trabalhadores, a repressão e as parcas condições de sustentação dos periódicos são outros entraves à existência regular dessa imprensa. Como faziam para difundir a palavra impressa no meio operário? São vários os mecanismos e muitos os exemplos em diversos lugares.

ADELAIDE GONÇALVES*

RESUMO

O texto trata das práticas sociais da leitura e das experiências de leitura no mundo do trabalho como forma de mobilização cultural e política. Aborda em diversos contextos sócio-históricos o modo como os trabalhadores se apropriaram e recriaram o conteúdo de suas leituras, como se fizeram leitores. Seja na França revolucionária do século XVIII, em Cuba do século XIX, ou no Brasil, destaca a imprensa dos trabalhadores – como palavra impressa ou veículo oral – como resultado do esforço de inteligibilidade do mundo e da busca de eficácia em disseminar conteúdos diretamente vinculados a seu propósito pedagógico, organizativo e doutrinário. A autora recolhe, em escritos autobiográficos dos militantes, passagens em que as narrativas apresentam o esforço de leitura, a busca do saber como uma das lembranças memoráveis. As leituras operárias são vistas como expressão do conteúdo de autoformação dos militantes e como uma prática social remodeladora do pensamento e da ação, incluindo desde a seleção de livros e autores até a inauguração de espaços da cidade como lugares de discussão pública e socialização. Neste caso, aparecem as livrarias, os cafés, as bodegas e praças, constituindo a geografia dos progressistas e libertários de Fortaleza, desde o século XIX.

ABSTRACT – DO WORKERS READ?

The article talks about the social reading practices and the reading experiences in the sphere of the work as a way of cultural and political mobilization. It approaches in several social historical contexts, how workers appropriated and recreated the content of their readings, how they became readers. Either in the revolutionary France in the XVIII century, Cuba in the XIX century or Brazil, the text empathizes the working press – such as printed word or oral vehicle – as result of the effort of the intelligibility of the word and the search for effectiveness in disseminating contents straightly associated to its organizational, pedagogic and doctrinaire purposes. The author finds out in the self-biographic writings of the militants ones, passages where narratives present a reading effort, searching for the knowledge as remarkable memories. The worker's readings are seen as expression of self formation content of the militants and as a modified social practice of thought or action, including, not only the book's and author' selection, but also the inauguration of urban spaces as public places of discussion and socialization. In this case, it appears the bookshops, squares, coffees, and small stores that constitute the geography of the progressives and libertarian people of Fortaleza since the XIX century.

* Doutora em História, professora do Departamento de História, da Universidade Federal do Ceará.

De um costume praticado nos refeitórios dos conventos e nos comedouros das prisões, a leitura chega às oficinas e fábricas de charutos de Havana no meado do século XIX.¹ E agora, com a deliberada intenção de propaganda social ou ainda, como recuperação algo romântica do costume de leituras de salão: públicas, democráticas e civilizatórias, como era o uso nos Estados Unidos. Para Fernando Ortiz, é preciso dimensionar o grau de significação das leituras e sua repercussão como elemento que forja consciências. No caso dos trabalhadores em fábricas de charuto, em Cuba, não por acaso constituem-se entre eles os primeiros núcleos organizados por ofício, sendo a leitura importante elemento, entre outros, que explica esse fato. Não poucos foram os leitores que alcançaram posição destacada nas lutas de independência. Quanto mais se definem os movimentos contrários ao estatuto colonial, mais o poder impõe silêncio à tribuna do *lector*. Na apreciação de José Martí, os charuteiros podem ser considerados por um lar-

go período do novecento como os "doutores do proletariado urbano", sendo a tribuna de leitura das fábricas um palco dos precursores da luta por liberdade e lugar social onde o *lector* "recebeu seu título acadêmico". Numa atividade em que exercitam hábitos de falar, expressar opiniões, incorporando níveis do intelectualismo da tradição romântica, aditam à instituição do *lector* a qualidade de debatedor, polemista, orador e editor de jornais.²

Registros do século XIX contam sugestivas histórias acerca da Leitura Ouvida. Em 22 de outubro de 1865, Saturnino Martinez, charuteiro e poeta, lança em Havana a primeira edição do jornal *La Aurora*, dirigido aos trabalhadores da indústria de charutos. A estratégia de leitura pública constituiu uma saída para contornar o problema do analfabetismo. Surgia, em 1866, na fábrica de charutos *El Figaro*, a figura do *lector*:³ um operário, pago pelos companheiros de trabalho, faz a leitura do jornal. O costume se disseminou em direção a outras fábricas. Tamanho é o sucesso das leituras, que, meses depois, um decreto de proibição é baixado pelo governo de Cuba. De públicas a "subversivas", as leituras continuaram. Em 1873, trabalhadores cubanos imigrados para os Estados Unidos levam consigo a prática das leituras para as fábricas de charuto de Key West. Também para a Espanha, juntamente com o apreciado charuto cubano seguiu o costume da leitura em fábricas, assumido pelas mulheres. Leitoras típicas são encontradas em *La Coruña*, *San Sebastian* (modelarmente fixadas no romance *La Tribuna*, de Emília Pardo Bazán). Ainda da Espanha, agora no início do século XX, chega o relato de Juan Díaz del Moral, sobre a vontade de aprender que existia entre os camponeses andaluzes:

Se leía siempre; la curiosidad y el afán de aprender eran insaciables; hasta de camino, cabalgando en caballerías, con las riendas o cabestros abandonados, se veían campesinos leyendo; en las alforjas, con la comida, iba siempre algún folleto. Es verdad que el setenta o ochenta por ciento no sabía

leer; pero el obstáculo no era insuperable. El entusiasta analfabeto compraba su periódico y lo daba a leer a un compañero, a quien hacia marcar el artículo más de su gusto; después rogaba a otro camarada que le leyese el artículo marcado, y al cabo de algunas lecturas teminaba por aprenderlo de memoria y recitarlo a los que no lo conocían".⁴

Sobre a instituição do *lector* e a prática social da leitura ouvida, Alberto Manguel propõe uma sugestiva reflexão:

Ouvir alguém lendo para eles, descobriram os charuteiros, permitia-lhes revestir a atividade de enrolar as folhas escuras do tabaco – atividade mecânica e entorpecedora da mente – com aventuras a seguir; idéias a levar em consideração, reflexões das quais se apropriar. Não sabemos se, durante as longas horas na fábrica, lamentavam que o resto de seus corpos não participasse do ritual da leitura; não sabemos se os dedos daqueles que sabiam ler ansiavam por virar uma página, por seguir uma linha; não sabemos se aqueles que nunca haviam aprendido a ler eram estimulados a fazê-lo."⁵

A instituição do *lector* também é encontrada como parte da prática da leitura em outros ofícios. Tal é o relato que apresenta os alfaiates e os sapateiros como tendo desenvolvido a prática. Em seu ensaio sobre os sapateiros politizados na Grã-Bretanha do século XIX, Eric Hobsbawn informa sobre a existência de tal prática entre eles, bem como entre os alfaiates. Nesse relato, o *lector* é estabelecido de várias formas: por uma espécie de rodízio e pela contratação de um velho soldado ou pelo aprendiz mais jovem da oficina, que faziam a leitura em voz alta.⁶

Ainda quanto às leituras no mundo do trabalho, Noam Chomsky, ao apreciar a imprensa dos trabalhadores nos Estados Unidos no século XIX como um dos signos da resistência ao capitalismo industrial, informa que as "garotas de fábrica" das fazendas de Massachussetts ha-

bituaram-se a passar o tempo com a leitura dos clássicos e da literatura contemporânea, ao passo que os artesãos independentes, se possuíam algum dinheiro, pagavam um garoto para fazer a leitura enquanto trabalhavam.⁷

Jeremy D. Popkin, outro pesquisador desse tema, em ensaio sobre os jornais fundados durante a Revolução Francesa, refere a existência da prática da leitura em voz alta, apesar dos jornais custarem caro (se comparados aos salários dos operários), e dos baixos níveis de alfabetização constituírem um entrave à leitura dos jornais por grande parte da população adulta.⁸ Sobre a prática das leituras públicas, Michel Vernus, no ensaio sobre os tipos de publicações e sua difusão no Franche-Comté, diz que elas passaram a ter um valor missionário após a Revolução e eram propagadas com um zelo sem precedentes. Em setembro de 1793, o jornal jacobino *La Vedette* é enviado gratuitamente a todas as municipalidades e clubes políticos da província, sendo lidos publicamente todos os domingos e feriados pelos oficiais municipais. Para Vernus,

Seja através de leituras públicas oficiais, seja através de leituras clandestinas em reuniões noturnas, mais do que nunca a mensagem política era transmitida pela leitura em voz alta. Como no passado, a leitura era coletiva e comunal – uma prática comum nas vilas antes de 1789.⁹

No Brasil, no mesmo período, Maria Helena Capelato, referindo-se a obstáculos de toda ordem impostos à palavra impressa, constata que os mesmos eram driblados, com a circulação nos pequenos e grandes centros urbanos, dos diários e panfletos. A dificuldade suplementar do analfabetismo era atenuada com o recurso à comunicação oral, à leitura ouvida. A prática da leitura em voz alta, nas esquinas, nas boticas ou nos serões e tertúlias forjava espaços de circulação dos enunciados, não raro de teor político antilusitano.¹⁰

Tal assertiva é corroborada por estudos sobre os movimentos de contestação ao estatu-

to colonial. Na Bahia, por exemplo, na Revolta dos Alfaiates, circulavam os boletins sediciosos, manuscritos, afixados em pontos estratégicos onde os letrados cuidavam de propagar sua mensagem pela comunicação oral.

Nas primeiras décadas do século XIX, no Brasil, há registros de jornais copiados a bico de pena, em folha de papel comum e distribuídos a grupos de cinco assinantes, que tinham a prática de revezamento na leitura. Formado um novo grupo de cinco assinantes, um outro exemplar do jornal era copiado pelos amanuenses contratados para tal trabalho de copista.¹¹

Roger Chartier, tratando das pertinências sociais inscritas na multiplicidade de abordagens da leitura, recolhe em Jean Lebrun a reflexão sobre as experiências de leitura que, mesmo individuais, são inscritas no interior de modelos e normas compartilhadas. Se cada leitor é singular em sua circunstância de leitura, essa singularidade é atravessada pelos princípios de uma dada comunidade de leitores. Nos séculos XIX e XX, a diversidade da comunidade de leitores “resulta das divisões entre as classes, dos processos diferentes de aprendizagem, das escolaridades mais ou menos longas, do domínio mais ou menos seguro da cultura escrita”. Para Lebrun, a prática da leitura em voz alta no século XIX, sustentando novas sociabilidades, “foi também vivida como uma forma de mobilização cultural e política dos novos meios citadinos e do mundo artesanal e depois operário”.¹²

Na Argentina, em finais do século XIX, o costume das “conversas familiares” é transposto para o espaço dos centros e círculos culturais socialistas. Segundo Dora Barrancos, o teor das “conversas” seria recolhido mais na reflexão político-ideológica e menos nos aspectos da teoria e doutrina. Nas primeiras décadas do século XX, são as “leituras comentadas” que forjam um novo tipo de prática pedagógica entre os círculos libertários portenhos. As “leituras comentadas” cumpriram importante papel educativo como reforço das prédicas, como mecanismo coletivo de debate e socialização do repertório de auto-

res e temas. Sua pedagogia adquire maior relevo como instrumento de formação, uma vez que se exercitava a discussão e o debate desde a escolha do tema e do autor até a reflexão coletiva, após a leitura em voz alta. A prática, em sua metodologia simples, possibilitava o estreitamento dos laços de convivência educativa e aprendizado dos indivíduos e grupos em seu notável esforço de “fazer-se a si mesmo”, à maneira de Thompson.¹³

As “leituras comentadas” também fizeram parte da experiência libertária no Brasil. Os centros de cultura são os lugares de propagação dessas práticas educativas, entremeadas pelos conteúdos da poesia e do teatro social. Com o propósito de atuar na obra de propaganda, formar os militantes, educar e esclarecer o proletariado na sua finalidade revolucionária, alguns mecanismos se destacam na pedagogia libertária: além das leituras coletivas e comentadas, os debates orais, como no estudo de Yara Khoury.¹⁴

Boris Fausto, nas suas considerações sobre a importância da imprensa anarquista constituindo em um dado momento, um centro de organização, de difusão e de propaganda, destaca o fato de que, em certos contextos, o jornal operário, de “Veículo de expressão escrita, transforma-se também com frequência em veículo oral, ao ser lido em voz alta para os trabalhadores analfabetos”.¹⁵

No Brasil, em vários estudos, é possível detectar as práticas da leitura no movimento operário como forma de mobilização cultural e política. No caso dos socialistas libertários, é fartamente registrado o fato de que sua ação se

(...) estendia através das escolas de militantes, de oradores, fundadas nos sindicatos; as seções de leituras comentadas, os debates ideológicos, as conferências, as controvérsias, os círculos de estudos, os grupos teatrais (...) Os trabalhadores, paralelamente aos movimentos de reivindicação, estudavam o humanismo libertário com afinco e verdadeira devoção. Muitos soletrando, outros com desembaraço, propagavam-no e defendiam-no, simultaneamente.¹⁶

Seja na França revolucionária do século XVIII, em Cuba no século XIX, ou no Brasil, a imprensa dos trabalhadores – como palavra impressa ou veículo oral – resulta do esforço de inteligibilidade do mundo e da busca de eficácia em disseminar conteúdos diretamente vinculados a seu propósito pedagógico, organizativo e doutrinário. Como também é o resultado da vontade de saber, de conhecer. Ilustrativa dessa vontade é a carta publicada n’*A Voz do Trabalhador*, portavoz da Confederação Operária Brasileira:

(...) Envio-te também, por este mesmo correio, alguns livros e folhetos de muito interesse para ti e os teus camaradas. Entre eles está um intitulado *A Conquista do Pão*, que é de primeira, outros dois muito a propósito são: *Como Haremos la Revolucion e Sobre la Ruta de la Anarquia*, aquele tradução e este original espanhol. Não entendeis bem o espanhol? Tu mesmo, ou alguém que saiba ler melhor, debes ler esses livros aos teus vizinhos e companheiros, as mulheres inclusive, que muita necessidade tem de saber tais coisas.¹⁷

Nos escritos autobiográficos dos militantes existem incontáveis passagens em que as narrativas apresentam o esforço de leitura, a busca do saber como uma das lembranças memoráveis, como neste depoimento de Severino Gonçalves Antunha:

(...) Tinha [no salão da Federação Operária] escola noturna, onde se aprendia um pouco de tudo; alfabetização, desenho, teatro, sociologia, política, numa enorme vontade de saber, sem precedentes na cidade. Havia um salão de leitura, com jornais, (...) de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Barcelona, etc. Obras como ‘*El Hombre y la tierra*’, de Reclus, editada pela Escola Moderna de Ferrer, a ‘*Grande Revolução*’ de Kropotkin, e obras de Tolstói, Bakunin, Maximo Gorki, Sebastião Faure e outros escritores revolucionários, assim como obras sobre conhecimentos gerais, didáticos e de todos os matizes e literatura em geral. Era, enfim, uma corrida sem precedentes, em

busca da cultura. Era belo, grandioso mesmo, ver homens de mãos calejadas segurando, desajeitadamente, o lápis ou o tira-linha. Muitos, já maduros, com cabelos grisalhos ou luzentes calvas. Outros, mais moços, com gravatas borboleta e bastas cabeleiras, com tinturas literárias e poses oratórias, viviam discutindo, discursando e ensinando o que sabiam. (...).¹⁸

São incontáveis os depoimentos acerca das leituras no meio operário. Como são feitas, como circulam os livros e jornais, como são socializadas? Cristiano Cordeiro, em Recife, relata suas primeiras incursões pelo pensamento libertário como imperativo desde que começou a se “interessar pelos problemas da classe operária”:

Conheci líderes operários portugueses e espanhóis e um deles, o estucador José dos Santos, me emprestou livros sobre o anarquismo. Cheguei a participar de uma passeata durante uma greve de empregadas de fábricas de cigarros (...). Em 1913, (...) passei a freqüentar sindicatos, a participar de reuniões operárias e até a fazer discursos em solenidades como a de Primeiro de Maio. Era um adepto do anarquismo, leitor de Jean Grave, Sebastião Faure e do russo Kropotkin. (...).¹⁹

Essa imensa vontade de saber é tema recorrente nos escritos dos memorialistas e na imprensa dos trabalhadores no Ceará. Em alguns a evocação das primeiras leituras é quase sempre associada às dificuldades do meio e às extensas jornadas de trabalho. Lia-se à noite, após um dia de intensa labuta ou se tentava driblar a fiscalização dos patrões, gerentes e contramestres. Veja-se o depoimento de Rodolpho Theophilo, rememorando os seus difíceis tempos de caixeiro e os sacrifícios para estudar. Além da extensa jornada de trabalho, não podia fazer uso do tempo livre para o estudo porque o patrão “não queria caixeiro doutor”:

(...). Nesse tempo as lojas se fechavam às oito horas, mas eu logo que escurecia saía

para as minhas aulas. Um dos patrões me procurou, depois de eu ter saído e sabendo que eu estava estudando disse que não queria caixeiro doutor e, como castigo dessa falta, ordenou que à noite eu passasse à limpo o borrador. (...)

Expus as minhas condições aos meus professores e, estes, com muita bondade, se prontificaram a lecionar-me depois das oito horas da noite (...).

A vida agora era mais cansada. Passava o dia na praia, exposto ao sol, no serviço do algodão. Ao escurecer, sentado à carteira a copiar o borrador! Voltava às nove horas da noite das aulas e recolhia-me ao quarto, uma espelunca quente e com mais muriçocas do que as florestas do Amazonas. Ia preparar as lições alumiado por uma miserável vela de carnaúba, de vintém, pois não podia comprar estearina. Estudava três horas, o tempo que durava a luz (...).²⁰

Acompanhando os fatos relatados por Rodolpho Theophilo, situados em Fortaleza, no século XIX, o leitor pode perceber as duras condições de vida e trabalho no período. Mudaria muito no novo século? Os registros da imprensa dos trabalhadores e os relatos de memórias indicam que não. Seria preciso muita luta para conquistar direitos mínimos. Vejamos o que o caixeiro Vicente (lendo revistas e jornais escondidos nas peças de fazenda) escreve à Revista Phenix, em 1913:

(...) A vida material que ora levo, de ‘caixeiro vassoura’ empoeirado, absorve-me o tempo por completo. Não posso mais investigar os livros para aprender as muitas cousas que não sei ainda.

(...) o patrão está sempre alerta, não posso ler na loja as muitas revistas aparecidas em nosso meio, até mesmo os jornais e ‘boletins’ que têm vindo à tona da imprensa ultimamente. O patrão me adverte todo dia, que preste mais atenção aos ‘bons’ fregueses, que não saia do balcão, que é proibido ler na loja, que caixeiro não pode ser ‘poeta’ e outras tantas cousas mais, que me fazem receio de perder o meu lugar. (...).²¹

O depoimento de Otacílio Azevedo também diz dessa imensa vontade de saber, enfrentando um duro cotidiano de trabalho, em seu tempo de operário na Ceará Light Tramways and Power Co., na Fortaleza de 1914; não suspeitavam os patrões ingleses que de “dentro daquelas valas enlambuzadas de óleo” nascia um poeta, devotado aos prazeres da boemia e das leituras:

(...) Foi nos intervalos desse serviço estafante e perigoso [na Ceará Light Tramways and Power Co. Ltd] que escrevi, escondido dos patrões ingleses, dentro de enormes valas onde os bondes estacionavam para receber reparos, o meu segundo livro de poesias (...)

Foi nesse tempo que mais li (...) Muitas vezes lia a noite inteira à luz de fumarenta lamparina de querosene e às cinco da manhã corria ao emprego, chegando na hora exata (...).²²

Otacílio Azevedo, trabalhador desde menino, foi “pela vida afora” decorador de paredes, letreirista, pintor de bonde, porteiro e operador de cinema, desenhista, fotógrafo, pintor. Poeta, publica seus primeiros versos no Ceará Operário em 1913; foi exemplo notável de autodidatismo: “sem haver freqüentado escolas, chegou a obter (...) relativa cultura literária, fruto do convívio com os livros de autores portugueses e brasileiros, e da aproximação com alguns escritores de seu tempo.”²³

Outro exemplo de cultura autodidata de expressão no meio socialista é Gastão Justa, o jovem irrequeto, boêmio, poeta, jornalista, amante das leituras, da boa conversação sobre o mundo, idéias e livros. Gosto que desenvolveu com os professores e nas escolas por onde passou, seja sob a orientação de Dona Didi Guerreiro e Ifigênia Amaral ou do professor Lino da Encarnação, no Partenón Cearense. Dito por ele mesmo:

”Desde criança tive grande vocação para as letras. Enquanto os meninos de minha idade se entregavam aos brinquedos eu me

agarrava aos livros. Lia tudo que me caía sob os olhos – romance, versos, história, crítica, ciências. Nada escapava à minha ânsia de ler e aprender.”²⁴

Concluído o Curso de Humanidades, vai trilhar o caminho de autodidata em busca do conhecimento da literatura, do lastro de cultura geral, com claro pendor para as chamadas ciências humanas. Não se fixa apenas nos livros e no gosto pela palavra impressa. Na cidade de Fortaleza e em sua gente simples, nos proscritos, que a elite chama de “arraia-miúda” vai buscar a inspiração para seu anseio de justiça e liberdade.

Gastão Justa começa a trabalhar cedo. Como tipógrafo na Minerva, encontra como companheiros de ofício Joaquim Alves, Eurico Pinto, Sidney Neto, Josué Sena e Joaquim dos Santos. São eles as companhias do ofício, das rodas literárias, da boêmia, das serenatas nas noites brancas de lua, do teatro e da iniciação socialista. Com os dois primeiros, estaria em 1919, fundando o Partido Socialista Cearense e editando o *Ceará Socialista*.

No início de sua militância, Gastão Justa encontra em Joaquim Alves um dos mais próximos interlocutores. Encontram-se já na meninice; Gastão, nascido em Fortaleza na rua da Conceição (hoje, Dom Manoel), e Joaquim Alves, nascido em Jardim e logo vindo para Fortaleza. A camaradagem se fortalece, mais aumenta o gosto pelas letras. Das longas conversas sobre os livros que adquirem nas livrarias da Praça do Ferreira ou tomam de empréstimo a outros militantes, vai crescendo a indignação com os desmandos que observam na política local. As leituras, mesmo individuais, são quase sempre partilhadas na forma de discussões em grupo. Um dos lugares preferidos para os encontros e tertúlias literárias era a Praça General Tibúrcio, em frente ao Palácio do Governo, onde à noite dividiam espaço com os pares de namorados. Joaquim Alves apelidaria o lugar de Jardim dos Tristes, porque dizia ele, “ali se reuniam os tristes: namorados sem ventura e desocupados sem destino”. A experiência de leitura não

difere daquela encontrada em tantos outros grupos espalhados pelo Brasil nas primeiras décadas do século XX. Veja-se o relato de Gastão Justa sobre as práticas de leitura, procurando combinar saber e rebeldia:

(...) À noitinha, após as canseiras do trabalho e do estudo, nos reuníamos ali, à Praça General Tibúrcio, em frente ao Palácio do Governo, para os comentários do dia. De preferência, falávamos sobre literatura, sobre nomes de autores nacionais e estrangeiros. A literatura russa tinha para nós uma atração irresistível, Líamos Gorki, Tolstoi, Turgueniev, Kropotkin e muitos outros. Hegel e Carlos Marx eram também discutidos com entusiasmo. (...)²⁵

Era nessas primeiras décadas do século XX que se exercitavam as práticas de contestação e as leituras iam adquirindo lugar na formação dos "espíritos rebeldes". *O Demolidor*, como as revistas *A Fortaleza* e *Terra da Luz*, são exemplos da reação de espíritos jovens e inquietos ao que lhes parecia envolto em preconceito e com ares de velharia. Vários deles, ainda estudantes, adotam o ofício de professor. Joaquim Pimenta em 1907 ministra as lições de Geografia no Instituto de Humanidades, de Joaquim Nogueira. Quanto à sedução da imprensa, diz bem o historiador Geraldo Nobre: "houve época que, no Ceará, era quase obrigatória a passagem dos jovens estudantes pelas redações dos jornais".²⁶

Convém sublinhar que a implantação do curso jurídico, além do incremento do comércio de livros, aumenta a população de estudantes, faz nascerem os círculos de leitura, as sociedades literárias e as folhas estudantis. São vários os títulos que aparecem desde os finais do século XIX. As folhas estudantis, no espírito da época, intitulam-se literárias, filosóficas, políticas e participam dos debates em voga.

Assim é que, das aulas na Faculdade de Direito, das leituras coletivas feitas nas "repúblicas", das visitas para boas conversas na Livraria Araújo, dos bancos da Praça do Ferreira onde se encontravam para debater religião, política, di-

reito, filosofia, resultam os produtos de sua inquietação intelectual. Nesses lugares, vão se forjando os informais círculos de leitura, animados por um mais afoito, como é o caso de Joaquim Pimenta, aqui relatando a força da palavra impressa e a recepção da leitura, trazendo os ecos das "vozes da rebelião":

ao mesmo tempo que me desvencilhava de preconceitos e dogmas religiosos, embrenhava-me pelo crespo matagal da literatura socialista. Comecei por copiar, em cadernos de alçaço, Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Elisée Reclus e outros pontífices do Anarquismo, nos quais eu descobria um apostolado com nova terapêutica para tentar outra redenção da humanidade. Ainda guardo, todo despregado, faltando folhas, um desses cadernos, onde eu recolhia, com a alma febril de neófito, a messiânica revelação de um mundo sem iniquidades, sem opressões, sem despotismos: livre de senhores e de escravos, de reis e de súditos, de governantes e governados. (...)

E soavam dentro de mim vozes de rebelião: era Proudhon investindo contra Deus e contra o Estado; repetindo com Brissot, de velhos padres da Igreja, que a propriedade é um roubo; era Kropotkin proclamando que as liberdades não se dão, tomam-se (...)²⁷

Nos bancos do Passeio Público, onde se juntavam estudantes, empregados do comércio, poetas, contavam "histórias do sertão", faziam versos contra a política de Accioly, recitavam Guerra Junqueiro. Gustavo Barroso anota a presença do alfaiate francês Eugênio Froidevale ("que não sabíamos de onde tinha vindo nem para onde ia") animando essas reuniões com um verbo que "instilava o ódio à burguesia e o amor ao proletariado", e emprestando livros de Bakunin e Lassalle, Proudhon e Karl Marx. Anota também a presença de Moacir Caminha, ouvinte atento que "embebia-se e procurava embeber os outros em seu grande sonho socialista".²⁸

Da velha Praça do Ferreira, para eles verdadeira “instituição” onde se exercitava o debate e se atualizavam as práticas de leitura, fala um comovido Joaquim Pimenta, rememorando os quiosques, as alamedas entre canteiros floridos e as grandes árvores frondosas:

à sombra das quais, nós cascabulhos do Liceu e estudantes da Faculdade, nos reuníamos, todas as tardes, para conversar e discutir religião, filosofia, história, literatura, questões de gramática e assuntos de política partidária, até nove ou dez horas da noite, quando o velho relógio nos avisava que era tempo de dispersar e seguir para casa.²⁹

Na mesma Praça do Ferreira há outra “instituição” – a Livraria Araújo – lugar de encontro dos amantes dos livros, que os íntimos chamavam Cenáculo, onde Ildefonso de Araújo, “a alma da Casa”, livreiro por vocação, anima a vida intelectual da cidade e onde, às manhãs, se forma a roda dos oposicionistas e, às tardes, são os governistas seus freqüentadores, como anota Gustavo Barroso em suas Memórias. A Casa do Araújo, cujas palestras o jornal *A República* anota como boêmias ou graves, mas sempre elevadas

em nada semelhantes ao zizanear de certas rodinhas burguesas onde a vida alheia é o alvo da bisbilhotice indiscretos marzocos, pois que ali é considerado de fato ‘um meio espiritual aproveitável’, ilustrado, que os profanos, cá das ruas, devem palmear com entusiasmo”.³⁰

O caixeiro da Livraria Araújo, Theodoro Cabral, em depoimento sobre as tertúlias literárias e as conversas naquele ponto de encontro dos leitores do mundo na cidade, relata que ali era de fato uma extensão dos bancos da Praça, funcionando como centro de reunião dos intelectuais: “Lá se encontravam, diariamente, professores da Faculdade de Direito e do Liceu, literatos, estudantes e quantos amigos dos livros.

(...) que mantinham palestras amistosas que eram verdadeiras tertúlias literárias.”³¹

Sem esquecer que do outro lado da praça está a velha livraria do Oliveira, à frente Eduardo Studart e Hermino Barroso, em 1906. E a Livraria do Banco do Ceará, fazendo esquina com a Casa Villar, anos depois Livraria Imperial ou Imperial Porta, de Clóvis Mendes, referidas por Otacílio de Azevedo, dizendo de seus primeiros contatos com a obra de Maximo Gorki. E ainda a Livraria Ribeiro, de Oscar Araripe, mantendo em dia seus freqüentadores com as novidades na poesia e no romance, trazidas do Rio de Janeiro. Sem esquecer também do sebo do velho Guimarães, “uma portinhola agoniada”, ali na rua São Paulo, também referida por Otacílio em seu garimpo dos volumes sem capa, conquanto fossem de poesia.

As praças, as livrarias, as confeitarias, as bodegas, os salões das barbearias, os cafés constituíam-se em lugares sociais de troca de informações, experiências, atualização do léxico político e onde as camaradagens iam definindo formas de intervenção na paisagem social. Não se vejam esses espaços apenas como pontos de encontro ou de convívio fugaz. A esse respeito, Alberto S. Galeno, em seu *A Praça e o povo* (1991), descreve com argúcia, como espécie de “jornalismo falado” as conversas na Praça do Ferreira.³²

Numa cidade ainda pequena, sem as estridências trazidas depois pelo automóvel e pelas sucessivas remodelações nos equipamentos urbanos, esses lugares têm função social na urbe e em sua geografia política. Dos cafés, o Riche, a Maison Art-Nouveau, o Iracema, o Java, o Globo, o Avenida, o Elegante, o do Comércio. O Riche, num sobradão quase centenário, das conversas ruidosas “na meia hora ou na hora inteira que sobrava do almoço”, o fino da mocidade do comércio, estudantes, literatos, onde se planejava a fundação de clubes, jornais e revistas e se discutiam mexericos, novidades e política, no dizer de Edigar de Alencar, em *Fortaleza de ontem e anteontem*.³³

O Café Riche, com suas mesinhas de ferro na calçada, juntando veteranos e novos conversadores, uns desfilando sua verve e sua roupa vistosa “com etiquetas da metrópole”, outros com sua roupa de “brim mal-ajambrado”. Nessas rodas apareciam alguns quase analfabetos, de poucas letras ou sem maiores estudos, mas “de inspiração impressionante” ou de “estro fascinante”, exemplos de autodidatismo. Diziam-se versos às vezes escrevinhados ali na hora ou comentavam-se autores e livros adquiridos na livraria Ribeiro – Martins Fontes, Eça, Camilo, Junqueiro, Grave, Anatole, Balzac, Flaubert, Zola, como anota Herman Lima, em suas Memórias.³⁴ O Café Iracema juntava os boêmios e os conversadores da Academia Rebarbativa que, noite adentro, comentavam da política, dos sonhos e da literatura, “metendo a lenha nos ‘medalhães’ da época, Barão de Studart, Papi Júnior, Antônio Sales e outros.”³⁵

O Café do Pedro Eugênio, fincado ali na segunda seção da linha de bondes do Benfica, é um desses lugares referidos por Otacílio de Azevedo. Em suas memórias encontro, no Café do Pedro Eugênio, um dos sinais da presença de alguns dos primeiros socialistas na Fortaleza Descalça, Moacir Caminha e Eurico Pinto, entre eles:

No Café do Pedro Eugênio recitava-se, cantava-se, falava-se de política. Muitas vezes a conversa esquentava e atravessava a noite inteira. Discutiam com ardor Walter Pompeu, Moésia Rolim, Moacir Caminha, Juarez Castelo Branco, José Levi, Eurico Pinto, Chammarion, Quintino Cunha, Ulisses Bezerra, Oscar Domingues e muitos outros. O Café era, sobretudo, um recanto pitoresco, distante do bulício do centro da cidade e onde se podia apreciar a natureza debaixo das frondosas mangueiras, à viração constante da brisa.³⁶

E quanto a Moacir Caminha – companheiro de Pimenta nas primeiras leituras dos anarquistas e na empreitada d’O Regenerador –, como teria sido sua formação intelectual? Quais leituras teriam

cimentado suas convicções? Que influências mais significativas recolheu em sua trajetória? Teria ele em sua casa ou na biblioteca de seu Educandário Cearense se deparado com as idéias socialistas já em circulação, desde o meado do século XIX, na vizinha e afrancesada Recife, através do engenho e arte de Louis Léger Vauthier, com seu fourierismo, Antônio Pedro de Figueiredo³⁷ com a revista O Progresso,³⁸ ou de Abreu e Lima, com seu livro O Socialismo, onde fala das idéias de Lamennais, Saint-Simon, Owen, Fourier, como também de Godwin e Proudhon?³⁹

Ademais, o afrancesamento do período é fenômeno largamente estudado. Hallewell, em seu História do livro, observa com precisão a “receptividade excepcional [no Brasil] a todos os adornos da cultura francesa”, acrescentando que chegava-se a “identificar tudo o que era francês como moderno e progressista”. Como anotaram os viajantes Kidder e Fletcher sobre a quantidade de publicações francesas nas livrarias e o gosto disseminado das traduções de romances franceses, posto que até as mulheres liam “a maior parte das obras de Balzac, Sue, Dummas, Geoges Sand”. É nessa ambiência de afrancesamento que Vauthier tentava recolher prosélitos e difundir as idéias francesas de regeneração social.⁴⁰

As idéias de reforma social, que começaram a chegar ao Brasil na década de 40 do século XIX, coincidiram com o primeiro impulso que haveria de transformar lentamente o Brasil monárquico, rural e escravista em uma República oligárquica, que iniciaria a industrialização e urbanização do país.

Para a formação de Moacir Caminha contribuíram essas e outras influências, sendo a principal o início de correspondência trocada com jornais anarquistas no Brasil e em Lisboa, à cata de literatura que atualizasse sua formação socialista libertária. Pode-se mesmo arriscar a compor não mais apenas uma “biblioteca imaginária” do militante Caminha, mas, partindo do conteúdo e forma de seus escritos e das informações recolhidas das memórias de seus

contemporâneos, localizar as leituras que informaram sua intervenção nas lutas sociais de seu tempo: Maximo Gorki, León Tolstoi, Émile Zola, Piotr Kropotkin, Sebastian Faure, Elisée Reclus, entre outros.

Em certos momentos de seu labor militante, parece fazer as vezes de espelho, querendo com outros refletir no Ceará as idéias que considerava luminosas das atualidades renovadoras transplantadas da Europa e, já então, em voga nos círculos de propaganda anticapitalista em franco ativismo em vários pontos do país.

Leitor atento e em sintonia com o deslocamento geográfico dos ventos da revolução, Caminha descobre a literatura de Maximo Gorki, já orientado pelas leituras anteriores do realismo de Tolstoi. Depara-se ali com um novo tipo de realismo, “o realismo dos desprotegidos da fortuna em luta pela sobrevivência, o ocaso do mundo aristocrático contrastando com o vigor da gente humilde e a força dos trabalhadores”.⁴¹ Encontra em Gorki o escritor e protagonista das viragens em curso na Rússia revolucionária. Do escritor (que trata de “criaturas que uma vez já foram homens”), absorve o vigoroso tom panfletário de alguns escritos e apreende o “sentido da literatura como tribuna política”. Do militante revolucionário (fundador de jornais, criador de escolas para emigrantes revolucionários), absorve alguns traços que aparecem ao longo de sua vida. Por essas razões denominaria de Maximo Gorki o Clube Socialista.

O impacto da leitura de Gorki sobre a formação militante é narrado em algumas memórias. Octavio Brandão, inventariando suas leituras da juventude, destaca Humboldt, Haeckel, Buchner, Darwin e acrescenta que seu “segundo passo libertador” veio através da leitura de Gorki:

Li, em 1917, o romance de M. Gorki, realista revolucionário, *A Mãe*, e lançou imediatamente um apelo ao combate. Defender a paz, contra a guerra e o militarismo. Solidarizar-se com os trabalhadores de Alagoas contra a adesão do governo do Brasil à guer-

ra imperialista (...). Tomar parte na grande vaga de movimentos operários e populares (...). Auxiliar na formação de sindicatos e sustentar as greves operárias. (...).⁴²

A obra de Maximo Gorki é uma espécie de leitura de iniciação para os espíritos rebeldes, também no Ceará. Gastão Justa, editor do periódico *Ceará Socialista* (1919), fala dos primeiros tempos de militância, encontrando uma “força irresistível” na literatura russa. Otacílio de Azevedo refere também a experiência de leitura dos russos. Nesse caso, nos idos de 1910, adquirindo por mil réis na Livraria do Banco do Ceará, para o poeta Raimundo Varão, o recém-traduzido *Os Degenerados*, de Gorki. Relata Azevedo: “Com o correr dos anos ainda compreí para o poeta Varão vários livros de Maximo Gorki: *Na Prisão*, *Os Amassadores*; de León Tolstoi, *Ana Karenina*, *Ressurreição* e *Últimas Palavras*”.⁴³

Ele próprio, ao cantar em versos seu trabalho na *Ceará Light Tramways*, busca inspiração em M. Gorki:

Empreguei-me na ‘Light’ o longo espaço
de três anos brutais, consecutivos,
as forças diminuindo no cansaço
ante um grupo integral de homens cativos.
(...)

Nos pesados labores cotidianos
eu sempre tive a pretenciosa astúcia
de comparar-me à Gorki, aos dezoito anos,
ante a miséria colossal da Rússia.

E ficava-me, absorto, horas perdidas,
a sonhar com o Kivalda e outros, a esmo,
e voltava, chorando tantas vidas,
à triste realidade de mim mesmo

Dentre o estreito cubículo asfíxiante
Semeávamos, nós trabalhadores,
Todo o quadro sombrio e agonizante
Que há nas páginas reais de *Amassadores*.
(...)⁴⁴

Creio que os estudos sobre o movimento operário e sua imprensa desde o século XIX devem, cada vez mais, voltar a atenção para as leituras operárias de então, visto expressarem não apenas o conteúdo de autoformação dos militantes, mas uma prática social remodeladora do pensamento e da ação. Prática que inclui desde a seleção dos livros e autores até a inauguração de certos espaços da cidade como lugares de discussão pública e socialização das leituras. Referi-me há pouco às livrarias, cafés, bodegas e praças, que constituíam esse espaço da geografia dos progressistas e libertários de Fortaleza.

O pesquisador pode também encontrar nas bibliotecas particulares, através de acervos pacientemente recolhidos e que se abrem generosamente à vontade de saber de alguns dedicados leitores, mais uma contribuição ao processo de formação.⁴⁵ Aí está uma das chaves de inteligibilidade para o modo como os núcleos militantes decifram a realidade e se organizam para sua transformação. Robert Darnton, chama a atenção dos “historiadores do livro” para, com a contribuição da sociologia das idéias, a análise do processo de produção, edição e difusão dos livros, procederem a uma análise e um

exame do que se poderia chamar a base material da comunicação do pensamento, que forneceria os dados para a compreensão da experiência literária e permitiria construir uma visão do modo pelo qual as idéias penetram e incidem sobre os rumos da sociedade.⁴⁶

Outro elemento não desprezível no crescimento de importância do tema da educação e da instrução no rol das reivindicações operárias e de seus programas doutrinários liga-se à crescente necessidade de mão-de-obra qualificada e semiquificada. Da fase inicial proto-industrial, quando os ofícios são treinados na oficina e passados de pai para filho ou no pequeno círculo de mestres e aprendizes, o orgulho do ofício é substituído pela maior ou menor quali-

ficação no mundo do trabalho, o que equivale a dizer: a educação e a instrução funcionarão como critérios de situação de classe ou de distinção no interior da classe.

Da aprendizagem do ofício – legada desde as sociedades beneficentes e de ajuda mútua surgidas no Ceará, em meados de 1870, em que contava mais aprender na oficina do que na escola – vai-se, pouco a pouco, ampliando o sentido e a necessidade de acesso à educação formal como requisito imprescindível para situar-se no mundo do trabalho. Dito de outro modo, a oficina como escola perde (ou retém de forma residual) sua função qualificadora, embora permaneçam elementos de sua função socializadora (ponto de encontro, local de reunião, lugar de expressão de opinião).

Nas últimas décadas do século XIX, articulada às experiências de edição dos primeiros jornais, fruto da atividade gremial ou impulsionando o associativismo sob diferentes formas, a necessidade de educação e de instrução assume magnitude em seus projetos político-pedagógicos.

Notas

¹ No caso de Cuba, analisando a instituição do *lector* florescendo nas fábricas de charuto e não nos engenhos de açúcar, F. Ortiz diz que nestes o ambiente de trabalho é a própria orquestração do barulho – do crepitar do fogo ao inferno das caldeiras é trabalho grosseiro, ensurdecedor, repetitivo – conquanto nas fábricas de charuto o zumbido é do silêncio, quebrado apenas pelo barulho das vozes. Onde é possível a conversação livre, o operário até pode experimentar o prazer de falar e ouvir. A própria disposição dos operários, sentados em mesas enfileiradas à semelhança de uma escola, como que prepara o ambiente para a entrada do *lector*. A esse respeito manifestam-se também os jornais de extração liberal, como é o caso de El Siglo (Havana). Na edição de 25 de janeiro de 1866, em artigo intitulado A Leitura nas fábricas de charutos, defende a leitura pública e a instituição do *lector*, apresentando-as como de uso corrente em outros lugares, com o hábito inclusive do ouvinte “pagar pela leitura ouvida”. Cf. ORTIZ,

- Fernando. Tabak und Zucker. Frankfurt: Erste Auflage, 1987.
- ² ORTIZ, Fernando. Tabak und Zucker. Frankfurt: Erste Auflage, 1987.
- ³ Consta dos registros da época, que a introdução da leitura na fábrica El Figaro data de 1865, através do liberal Nicolás Ascarte, constituindo um ato marcante a leitura d'As Lutas do Século (o primeiro livro lido em fábrica). Do relato de Manuel Deulofeu, conforme citado por F. Ortiz, em Tabak und Zucker, consta que a prática da leitura em fábrica aconteceu em sua primeira vez em Bejucal, no ano 1864, sendo Antonio Leal o primeiro *lector*, na galera da fábrica de Viñas. O uso da tribuna pelo *lector* ocorre pela primeira vez na fábrica de Facundo Acosta.
- ⁴ SAÑA, Heleno. Cultura proletaria y cultura burguesa. Madrid: Zero, 1972, p. 114.
- ⁵ MANGUEL, Alberto. A Palavra Ouvida. In Uma História da leitura. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p. 136. Este capítulo traz duas ilustrações sobre a função do *lector*; a pintura *El Lector*, do cubano Mario Sanchez e, o mais antigo desenho conhecido de um *lector*, retirado da revista *Practical Magazine*, de New York, 1873.
- ⁶ HOBBSAWN, Eric & SCOTT, Joan. Sapateiros politizados. In Pessoas extraordinárias. Resistência, rebelião e jazz. Trad. Irene Hirsch Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 47.
- ⁷ CHOMSKY, Noam. Os Caminhos do poder. Reflexões sobre a natureza humana e a ordem social. Porto Alegre: ARTMED, 1998, p. 100. Para alargar a reflexão empreendida por N. Chomsky, ver o estudo de WARE, Norman, *The Industrial Worker (1840-1860). The Reaction of american industrial society to the advance of the Industrial Revolution*. Chicago: Elephant Paperbacks, 1924 (reimpressão em 1990).
- ⁸ POPKIN, Jeremy D. Jornais: A Nova Face das Notícias. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução Impressa*. Op. cit., p. 206.
- ⁹ VERNUS, Michel. A Perspectiva de uma Província. In DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução Impressa*. Op. cit., p. 186.
- ¹⁰ CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história*, Op. cit. p. 21.
- ¹¹ NOBRE, Freitas. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Progresso, 1950, p. 23.
- ¹² CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro – do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora UNESP, 1998, pp. 92 e 143. Do mes-
- mo autor, ver *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: ARTMED, 2000; (coord.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; e *As Utilizações do objecto impresso (séculos XV-XIX)*. Trad. Ida Boavida. Portugal: DIFEL, 1984.
- ¹³ BARRANCOS, Dora. As "leituras comentadas": um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914-1930. In *Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas*. Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH, nº 8 e 9, pp. 151-161. Campinas: UNICAMP, 1998. Ver também, GUTIERREZ, Leandro H. & ROMERO, Luiz Alberto. *Sectores populares, cultura e política*. Buenos Aires: Sudamericana, 1986; _____. *Sociedades barriales, bibliotecas populares*. In *Desarrollo Economico*, v. 29, nº 113, abr-jun., s/p. Buenos Aires: s/e, 1989; ROMERO, Luiz Alberto. *Libros baratos y cultura de los sectores populares*. Buenos Aires: CISEA, 1986; SARLO, Beatriz. *El Imperio de los sentimientos*. Buenos Aires: Ediciones Catálogos, 1985; e BARRANCOS, Dora. *Anarquismo, educación y costumbres en la Argentina de principios de siglo*. Buenos Aires: Contrapunto, 1990.
- ¹⁴ KHOURY, Yara M. A. *Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários*. In *Revista Brasileira de História*, v. XVII, nº 33, pp. 112-149. São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUÍ, 1997.
- ¹⁵ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1986, p. 91.
- ¹⁶ RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura social (1913-1922)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972, p. 43.
- ¹⁷ *A Voz do Trabalhador*, ano VII, nº 61, 20/08/1914. Rio de Janeiro.
- ¹⁸ RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura*. Op. cit., p. 361. Vários outros depoimentos podem ser localizados em outros estudos de Edgar Rodrigues.
- ¹⁹ *Plural*. *Revista de Debates*, ano II, jul. set, p. 38. São Paulo: Rumo Gráfica, 1979.
- ²⁰ THEOPHILO, Rodolpho. *O Caixeiro (reminiscências)*. Fortaleza: Typ. Minerva, 1927, pp. 24-26.
- ²¹ *Revista Phenix*, ano II, nº XVII, out. 1913. Fortaleza.
- ²² AZEVEDO, Otacílio. *Fortaleza descalça*. Op. cit., pp. 89-90.
- ²³ AZEVEDO, Sânzio de. *A Poesia de Otacílio Azevedo*. In AZEVEDO, Otacilio de. *Trigo sem joio*. Fortaleza: BNB, 1986, p. 10. A bibliografia de Otacílio Azevedo é composta dos seguintes títulos: *Dentro do passado* (1916), *Alma ansiosa* (1918), *Musa rissonha* (1920), *Sugestão do luar* (1921), *Réstia de*

Sol (1942), Redenção (1944), Desolação (1947), Últimos poemas (1958), A Origem da Lua (1960), Meisinhas e supertições (1966), Fortaleza descalça (obra póstuma, 1980).

²⁴ Unitário, 03/08/1952. Fortaleza.

²⁵ Unitário, 27/07/1952. Fortaleza.

²⁶ NOBRE, Geraldo. História da Associação Cearense de Imprensa, 1925-1975. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976, p. 8.

²⁷ PIMENTA, Joaquim. Retalhos do Passado. Op. cit., pp. 83-84.

²⁸ BARROSO, Gustavo. Consulado da China. Memórias. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa Editor, s/d., p. 192. Ver também outras passagens onde o autor rememora a formação de curiosos grupos de oposição (de vida brevíssima) à oligarquia aciolina: O Grupo dos Tiranocidas e O Clube dos Hussares da Morte. Nestes, refere a participação de Moacir Caminha, de quem lembra como "caráter sincero" e "socialista de verdade" e acentua em tom nostálgico: "A vida nos separou. As idéias, talvez, mais ainda." (p. 202).

²⁹ BARROSO, Gustavo. Consulado da China. Op. cit., p. 439. Ainda sobre a Praça do Ferreira como "coração material", ou continuação da tradição da botica como centro social e de seus bancos como "instituição" da boa prosa e do debate, ver LIMA, Herman. Imagens do Ceará. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura/Serviço de Documentação, 1958.

³⁰ A República, 18/08/1906. Fortaleza. Apud BARREIRA, Dolor. História da literatura cearense. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1951, p. 226. Ver também a referência à atividade editorial do livreiro Araújo.

³¹ Gazeta de Notícias, 11/12/1927. Fortaleza.

³² GALENO, Alberto S. A Praça e o povo (homens e acontecimentos que fizeram a história na Praça do Ferreira). Fortaleza: Stylus, 1991. Em algumas passagens, o autor discorre sobre os bate-papos na Praça do Ferreira, apresentando-os como "jornalismo falado" e sugerindo que sua importância reside no fato de contribuírem para a formação de uma opinião pública na cidade. Como aqui: "(...) Os poderosos mandavam quebrar jornais, prender, surrar, matar jornalistas, tentando desta forma impedir a divulgação de fatos que pretendiam ignorados do povo. Mas, em contrapartida surgia na Praça do Ferreira o jornalismo falado. Os papeadores encarregavam-se em divulgar aquilo que os jornais escritos não conseguiam divulgar. (...)" (p. 6), e ainda: "(...) O importante nos bate-papos era o fato de permitirem, através dos deba-

tes, da troca de idéias, a formação de uma opinião pública. Nos bancos da Praça, uns discutiam, outros escutavam. Surgiam as indagações, sempre que necessárias. (...)" (p. 15). E mais adiante: "(...) Ao comentarem os acontecimentos políticos e sociais de sua época, antes da existência do rádio e da televisão, os papeadores estavam, sem que o soubessem, criando um tipo novo de jornalismo. Era o jornalismo falado que surgia. Pois o que é comentar, criticar, comunicar, senão fazer jornalismo? Certos acontecimentos que os jornais escritos dificilmente conseguiriam divulgar, dados os rigores da censura oficial, chegariam ao conhecimento do povo graças ao trabalho desses divulgadores anônimos. (...)" (p. 16).

³³ ALENCAR, Edigar de. Fortaleza de ontem. Op. cit., p. 86.

³⁴ LIMA, Herman. Poeira do tempo. Memórias. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 103.

³⁵ AZEVEDO, Otacílio de. Fortaleza descalça. Op. cit., p. 55.

³⁶ AZEVEDO, Otacílio de. Fortaleza descalça. Op. cit., p. 33.

³⁷ Antonio Pedro de Figueiredo foi redator do Diário de Pernambuco, e mantinha uma seção A Carteira, sob o pseudônimo de Abdalah el-Kratif, onde "revelava antecipações no tratamento dos problemas sociais": os problemas da monocultura cavadeira, das migrações, da estrutura fundiária, das práticas agrícolas superadas, das desigualdades sociais, entre outros (cf. MOTA, Mauro. Votos e ex-votos. Aspectos da vida social no Nordeste. Recife: Imprensa Universitária, 1968, p. 100).

³⁸ Em artigo sobre O Alvorecer da imprensa revolucionária no Brasil, Múcio Leão refere-se a O Progresso nesses termos: "Tendo falhado no seu berço 'O Socialista da Província do Rio de Janeiro', parece que fica em campo, como o primeiro e o mais importante periódico socialista que existiu no Brasil, quando essa corrente começou a se espalhar pelo mundo, 'O Progresso' de Antonio Pedro de Figueiredo" (Boletim da Associação Brasileira de Imprensa, nº 80, dez., p. 1. Rio de Janeiro: ABI, 1958). Sobre Antonio Pedro de Figueiredo, ver também MORAES FILHO, Evaristo de. A Proto-história do marxismo no Brasil. In REIS FILHO, Daniel Aarão e outros. História do marxismo no Brasil. O Impacto das revoluções, v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. Para o estudo da revista O Progresso, ver MARSON, Izabel Andrade. Entre a "vertigem" e a razão: representações da revolução na política pernambucana, 1838-1850. In Revista Brasileira de

História, v. 10, nº 20, pp. 173-210. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1991; e _____. Política, ciência e utopia: a revista O Progresso e a (re)criação da monarquia constitucional no Brasil (1846-1848). In Revista Brasileira de História, v. 12, nº 23-24, pp. 99-110. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992; CHACON, Vamireh. História das idéias sociológicas no Brasil. São Paulo: Grijalbo/EDUSP, 1977; e O Humanismo brasileiro. São Paulo: Summus/Secretaria da Cultura, 1980.

³⁹ A vinda, para o Brasil, dos fourieristas Louis Leger Vauthier (Recife), Michel-Marie Derrion e Jules-Benoit Mure (Santa Catarina) ampliou o interesse pelas "idéias novas" que começavam a nascer na Europa, questionando a forma de organização social dominante e procurando alternativas societárias. Nas décadas seguintes o interesse pelas idéias precursoras de Owen, Saint-Simon e Fourier iriam se expandir às dos socialistas da geração de 48, em particular Proudhon, desembocando no surgimento dos primeiros grupos de militantes socialistas na última década do século XIX e do sindicalismo revolucionário. Para o estudo das idéias socialistas no Brasil, ver CHACON, Vamireh. História das idéias socialistas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; DIAS, Everardo. História das lutas sociais no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1977; _____. Organização trabalhista e lutas sindicais no Brasil. In Revista Brasileira, nº 22, mar.-abr., pp. 115-139. São Paulo: Brasiliense, 1959; LINHARES, Hermínio. Contribuição à história das lutas operárias no Brasil. São Paulo: Alfa Ômega, 1977; CERQUEIRA FILHO, Gisálio. A Influência das idéias socialistas no pensamento político brasileiro (1890-1922). São Paulo: Loyola, 1978; _____. A "Questão social" no Brasil. Crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982; KONDER, Leandro. As Idéias socialistas no Brasil. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1995; e KOVAL, Boris. História do proletariado brasileiro (1857-1957). Trad. Clarisse Lima Avierina. São Paulo: Alfa Ômega, 1982.

⁴⁰ HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil (sua história). Trad. Maria da Penha Villalobos & Lólio

Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1985.

⁴¹ DAIX, Pierre. Apud D'ALGE, Carlos. O Território da palavra. Memória e literatura. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1990, p. 11. Sobre a influência de Gorki na literatura brasileira, d'Alge anota: "Bastaria, por exemplo, citar Os Corumbás, de Armando Fontes, romance ambientado em Aracaju, e a luta do incipiente meio proletário para afirmar-se num meio hostil, e compreender que uma nova forma de interpretar a vida e a literatura havia surgido a partir do escritor russo".

⁴² BRANDÃO, Octavio. Vida vivida. Recordações. In Revista Brasiliense, nº 33, jan.-fev., p. 136. São Paulo: Brasiliense, 1961.

⁴³ AZEVEDO, Otacílio de. Fortaleza descalça. Op. cit., p. 38.

⁴⁴ AZEVEDO, Otacílio de. Musa Risonha. In Trigo sem joio. Op. cit., p. 78.

⁴⁵ As obras dos memorialistas constituem material valioso nesse caso. Otacílio de Azevedo, por exemplo, com gratidão anota Abraão de Carvalho e sua Biblioteca, como a contribuição maior para seu progresso intelectual. Abrahão, dono de uma mercearia no calçamento de Messejana (hoje, Joaquim Távora) "possuía uma grande biblioteca, que pôs a minha inteira disposição. Foi ali que tomei conhecimento com a literatura penetrando no mundo maravilhoso de autores como Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Gomes Leal, Júlio Dinis, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Victor Hugo, Maximo Gorki e uma infinidade de outros autores". (AZEVEDO, Otacílio. Fortaleza descalça. Op. cit., p. 52)

⁴⁶ DARNTON, Robert. O Beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 119. Do mesmo autor, ver também Boemia literária e revolução. O Submundo das letras no Antigo Regime. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Cia. das Letras, 1987; Edição e sedição. O Universo da literatura clandestina no século XVIII. Trad. Myrian Campello. São Paulo: Cia. das Letras, 1992; e O Iluminismo como negócio. História da publicação da "Enciclopédia", 1775-1800. Trad. Laura Teixeira Motta e Márcia Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.